



Capítulo X (Não preencher, campo será preenchido pelos editores)

CUIDAR E EDUCAÇÃO: A DISPOSIÇÃO PARA O CUIDADO COM PROFESSORES

Renata Capeli Silva¹

Daniela Leal²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre o cuidado com o educador e a ideia de cuidado com o mundo, fruto de um projeto de pós-doutorado que tem como objetivo acompanhar um processo formativo com professores ao longo de um ano de processo formativo e junto aos participantes construir um espaço de pensar sobre si e estratégias que os auxiliem a minimizarem sofrimentos que enfrentam no trabalho educativo, especialmente voltado ao processo de inclusão. Pensar sobre o cuidado no espaço educativo revela-se como um compromisso ético e político, por possibilitar o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente escolar e favorecer que o professor possa analisar os significados dessas vivências e suas implicações para si, para os alunos e para a prática pedagógica. Adota-se como método a Pesquisa-Trans-Formação, que é um modalidade de pesquisa que intenta participar e colaborar com processos de transformação gerados no processo formativo, utilizando-se de diferentes técnicas de produção de informações e conhecimento para uma maior permanência e envolvimento do(a) pesquisador(a) no e com o campo, demonstrando maior consideração pelo conhecimento do outro, e priorizando momentos de reflexão acerca do fazer pedagógico, de forma que, ao partir da experiência, se poderá chegar ao pensamento concreto para explicar a realidade e a ação para, então, transformá-la. Procuramos apresentar alguns pontos do pensamento de Hannah Arendt sobre o sentido da educação e cuidado com o mundo para sustentar a reflexão e a consideração das fragilidades que temos vividos tempos de intolerância, desigualdade, violência e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Cuidado. Educação. Formação Docente. Educação Inclusiva. Saúde Mental.

¹R. C. Silva () NIEPED/Unochapecó. Chapecó, SC, Brasil.
e-mail: capeli.renata@gmail.com

²D. Leal (). NIEPED/Unochapecó. Chapecó, SC, Brasil.

INTRODUÇÃO

Reflexões sobre cuidado e educação são fundamentais e não podem ser esgotadas, cuidar não é um ato que se encerre em uma atividade e educar é abertura constante para o cultivo das relações com o mundo e preservação deste.

Cuidar consiste em uma experiência com o mundo, somos nós mesmos cuidado, existindo cuidamos. Somos nós responsáveis e corresponsáveis por nós próprios e pelo entorno que nos circunscreve, assim cuidar de si significa também cuidado com os outros. O cuidado se revela na maneira envolvente e significativa de relacionar-se com o outro, que conjuga as características: ter consideração para como o outro e ter paciência com o outro, ou ser negligente e indiferente.

Dizemos então que cuidar não é algo opcional ou circunstancial ou que possa ser adquirido, é sim condição do viver em relação, viver é cuidar de si e, cuidando de si cuida-se dos outros, essa é a dimensão ontológica do cuidado. E, no acontecer cotidiano da vida o ato de cuidar acaba por situar-se em uma dimensão ética, implica tomar para si o questionamento do que cuidar e do modo desse cuidar. A responsabilidade pelo modo que se cuida parte do reconhecer a fragilidade e a interdependência entre os seres (MORTARI, 2024).

Boff (2013) nos alerta sobre o risco do automatismo na esfera do trabalho que pode nos levar a ideia de que tudo ao redor se reduz a um tipo de utilitarismo, controle, adequação e dominação que leva o cuidado a ser visto no seu aspecto restritivo, apenas como tarefa, e não como modo de existir. A partir desse alerta, afirmamos que ao refletir sobre o sentido do cuidar nos permite assumir nosso lugar no mundo.

Tomar como foco da nossa pesquisa o cuidado com o educador, revela um compromisso com a preservação do mundo, visto que é a educação é o lugar, por excelência onde se descobre sobre si e sua conexão com o mundo que vem se constituindo ao nosso redor e poderá continuar a existir dependendo do modo como assumimos nosso lugar nele.

Nas palavras de Arendt (2022) educar é assumir a responsabilidade pelo mundo até que chegue o momento em que nossas crianças e jovens tomem para si esta responsabilidade, quando adultos, no exercício da atividade política.

Para cumprir o papel de produzir humanidade, o ensino ofertado tem que favorecer o desenvolvimento de algo novo, que coloque os seres humanos em condição qualitativamente diferente de outros animais (VIGOTSKI, 2000).

Pensar o processo formativo e a atuação docente implica, então, reconhecer o professor como sujeito criador, capaz de transformar o mundo à sua volta por meio da construção de novas estratégias, linguagens e modos de relação com o conhecimento, com os alunos e com a escola.

A presente pesquisa estabelece relação direta com a pesquisa intitulada “As significações dos professores sobre as práticas pedagógicas para alunos com deficiência no movimento da pesquisa-trans-formação” coordenada pela Profa. Dra. Daniela Leal, visto que ao propormos espaços de cuidado para os professores podemos contribuir com o processo formativo do professor proposto e com a ampliação e potencialização da discussão sobre políticas afirmativas de educação das pessoas com deficiência. Tomaremos daqui em diante o pensamento de Hannah Arendt sobre educação e sobre pensamento como guia para nossa reflexão.

O cuidado com o mundo



*O mundo comum acaba quando é visto somente sob um
aspecto e só se lhe permite apresentar-se em uma única
perspectiva.
Hannah Arendt*

Compreender a riqueza do pensamento de Hannah Arendt só é possível pelo constante exercício de acompanhar a trama de conceitos e reflexões que sustentam a complexidade e atualidade de suas ideias e, para iniciar o trabalho recorro à poesia de Carlos Drummond de Andrade intitulada “O homem; as viagens” (1973).

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
[...]
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

Drummond permite pensar na relação do homem com a tecnologia e do quanto, mesmo ocupando-se de desejos de dominação do mundo, a experiência necessária e complexa é a de estar entre homens. Mesmo que vivamos sob condições terrenas, não somos seres terrenos, a condição humana difere de natureza humana que implica a participação no ciclo vital da espécie e sua sobrevivência.

Para Arendt (2011) a condição humana se refere a mais elementos do que as condições de vida do homem na terra (os condicionantes da existência humana são a própria vida, a natalidade - iniciar, mortalidade, mundanidade, pluralidade e o planeta) e, o termo mundo consiste em coisas produzidas pelos homens. Mundo trata-se do legado material e simbólico (linguagem, objetos, ferramentas, construções, instituições e saberes) que transcende a existência individual se estendendo ao longo de gerações. E, por sua característica de conecta o homem com os objetos e com os homens com quem compartilhamos tais objetos e seus significados, Arendt o denomina como mundo comum.

O mundo humano é sempre o produto do *amor mundi* do homem, um artifício humano cuja potencial imortalidade está sempre sujeita à mortalidade daqueles que o constroem e à natalidade daqueles que vêm viver nele [...] Nesse sentido, na sua necessidade de iniciantes para que ele possa começar de novo, o mundo é sempre um deserto. Mas da condição de não-mundo que veio à luz na era moderna [...] proveio a pergunta [...]: por que existe alguma coisa em vez de nada? E das condições específicas de nosso mundo contemporâneo, que nos ameaça não apenas com o nada, mas também com o ninguém, talvez surja a



pergunta: por que existe alguém em vez de ninguém? (ARENDT, 2009, p. 269).

Percebe-se que a possibilidade de criarmos e cuidarmos de um mundo comum é uma questão fundamental no pensamento de Arendt, em seus escritos nos alerta sobre a fragilidade inerente à nossa civilização e, por isso destaca a necessidade de estarmos conscientes da responsabilidade e compromisso com este mundo comum e público.

Segundo Arendt (2010) o mundo comum é espaço público, onde se pode ser visto e ouvido, lugar do aparecer e constituir o que chamamos de realidade. A realidade se revela quando os homens se comunicam e convivem. O mundo comum é o espaço do entre homens que possibilita a política e é o palco para as histórias humanas.

Pois, embora o mundo comum seja o terreno comum a todos, os que estão presentes ocupam nele diferentes lugares, e o lugar de um não pode coincidir com o de outro, da mesma forma que dois objetos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes (ARENDT, 2011, p. 70).

Cuidar desse mundo implica considerar a natalidade, que é definida por Arendt como não sendo algo biológico, mas sim político, pois é a partir do nascimento que o homem faz parte da comunidade. E, a pluralidade que se refere ao fato de o homem ser igual a todos os homens e, ao mesmo tempo, ser distinto, singular.

A cada nascimento, vem ao mundo um homem igual a todos os outros e, ao mesmo tempo, singular, único. Essa singularidade sempre traz ao mundo uma novidade e a possibilidade de inovação por meio da distinção. Entretanto, essa distinção só se manifesta na presença de outros; é preciso que outros a percebam e a qualifiquem como tal.

É esta condição dos seres humanos estarem entre homens e compartilharem a realidade, sendo, porém, afetados por ela de distintas maneiras, que permite que existam diferentes modos de ser humano e habitar o mundo e garantir sua preservação.

Acolhido inicialmente na esfera privada, o lar, sob cuidado e proteção a criança/jovem (o recém-chegado) se prepara para participar da esfera pública, o mundo comum conhecendo o seu legado e dele se apropriando. Quando preparado, participará da esfera pública. E nela, já estão pressupostos a igualdade e a distinção, por isso, ele necessita da ação e do discurso para se relacionar.

A ação é a única atividade que se dá diretamente entre os homens, no espaço público do mundo comum. Assim, a pessoa que inicia a ação, inicia pelo fato de, por meio de atos e palavras, expor sua singularidade diante de outros e, ao fazê-lo, distingue-se trazendo o inesperado. Esse agir se baseia na espontaneidade.

Arendt se refere ao agir, como os atos que ocorrem ações espontâneas, criativas. Ao agir, o homem revela sua condição de iniciador, a ação é a atividade humana vinculada à *natalidade*. Natalidade como iniciar, poder de dar início a um novo movimento, que rompa com a linearidade da vida cotidiana.

Qualquer ação atinge quem a iniciou e aqueles que foram testemunhas de sua aparição. Como observa Arendt, “[...] as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, seu ator e seu paciente, mas ninguém é seu autor” (2011, p. 230) e continua (2011, p. 238): “Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros”.



Desse modo, constituem o que ela denomina como *teia de relações humana*, na qual as ações se manifestam e se entrelaçam desencadeando novidades nas histórias de vida de todos os envolvidos, reordenando e reinventando a própria teia. Por isso, a responsabilidade deve ser compreendida como o interesse pelo outro, para além dos interesses privados, abertura para os assuntos comuns num mundo comum, numa disposição para tolerar situações e se coloca um exemplo para outros seguirem, mudando, desta forma, o mundo.

Responsabilidade pelo mundo, não diz respeito somente ao cuidado com o meio ambiente, mas, sobretudo com o mundo que temos em comum com os outros homens, pelas relações. A autora também nos destaca o sentido da presença do educador diante da criança, jovem ao afirmar que...

...o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos no mundo por adultos em um mundo em contínua mudança (ARENDT, 2022, 276).

A esperança está nas novas gerações que chegam ao mundo e, por isso mesmo, é preciso que os adultos introduzam os jovens ao mundo preexistente. Para conhecimento e fruição do mundo é fundamental um processo de iniciação em seus significados, práticas, sentidos e linguagens, formação esta que se dá pela educação. Portanto, educação é “O ato de acolher e iniciar os jovens no mundo, para que se tornem aptos a dominar, apreciar e transformar as tradições públicas que formam a herança simbólica comum (CARVALHO, 2008, p. 22).

O professor, diante das crianças e jovens é o representante de todos os habitantes adultos do mundo e deve assumir, coletivamente, a responsabilidade por um mundo que pode até contestar, mas do qual é parte e que compartilha com os outros. A autoridade do educador emerge da responsabilidade que assume por esse mundo quando perante seus alunos.

E, para o cumprimento dessa tarefa o educador precisa sentir-se confortável em seu lugar de representante do mundo, em seu ofício de instigar o amor pelo mundo nas crianças e jovens sob sua responsabilidade. Nesse momento revela o sentido de cuidado que apresentamos no início dessa reflexão...

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável se não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo, abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDT, 2022, p. 284).

Ao assumir a profissão de professor, a pessoa se coloca em ponto de questionar sobre o modo do cuidar que impunha para si e para fazê-lo precisa disponibilizar-se à troca de saberes e diálogo com outras áreas de conhecimento que se inter cruzam e formação para o cultivo e o cuidado futuro para com o mundo comum.



METODOLOGIA

A pesquisa em desenvolvimento busca oferecer um espaço de cuidado, através da prática da Oficina de Criatividade. A Oficina de Criatividade é uma prática Psicoeducativa, desenvolvida pela professora Christina Cupertino no final da década de 80 no Brasil, que promove a redescoberta pessoal e transformação das relações profissionais (CUPERTINO, 2008).

Com essa prática se pretende ofertar um espaço de cuidado para os educadores em que a reflexão sobre seus modos de cuidar de si e de sua atuação profissional sejam o ponto de gestar novas formas de condução do processo de aprendizagem de forma inclusiva, considerando os desafios vivenciados no cotidiano da sala de aula.

Essa pesquisa é parte do projeto de pesquisa maior que tem como objetivo buscar as significações de professores sobre as práticas pedagógicas para alunos com deficiência (Projeto CNPq Universal 2023, Processo n.º 405414/2023-4), desenvolvida pelo NIEPED – Núcleo Interáreas de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem e Práticas Pedagógicas (Unochapecó), coordenado pela Profa. Dra. Daniela Leal.

Como caminho metodológico desenvolvemos a Pesquisa-Trans-Formação, conforme proposto por Magalhães (2021). A autora afirma que por meio da escuta sensível e crítica das experiências dos professores que se permite que pensamentos e sentimentos emergam e cria-se um espaço de resistência ética capaz de ressignificar, no cotidiano da escola, a potência de ensinar, sentir e existir.

A pesquisa já está em andamento, seu formato se dá em encontros formativos quinzenais, no espaço escolar com duração de 1 hora e 30 minutos cada encontro. Os encontros são intercalados: encontros de Oficina de Criatividade e Encontros Formativos. O processo inteiro acontecerá durante um ano, totalizando 24 encontros envolvendo aspectos teóricos, pedagógicos e voltados ao cuidar do docente.

O *locus* de pesquisa é um Colégio da rede privada de ensino de um município do Oeste de Santa Catarina, que atende alunos da educação infantil ao ensino médio. O grupo que participa do processo formativo é constituído por (13) professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), (3) coordenadoras pedagógicas e (1) orientador pedagógico.

RESULTADOS INICIAIS E DISCUSSÕES

O processo da pesquisa iniciou com três encontros de Oficina de Criatividade - “Do cuidar de si para o cuidado pedagógico”, com a presença de todos os participantes da pesquisa.

Nos três encontros as propostas de vivências em Oficina de Criatividade tiveram como objetivo conhecer as participantes a partir de algumas referências sobre como eles se percebem, considerando aspectos já vividos, em acontecimento e por vir.

Nesses encontros iniciais a partir da Oficina foram utilizados como recursos músicas, crônicas e livro-álbum como deflagradores das perguntas: Quem fui como criança? Como foi a aprendizagem? – Se eu fosse eu o que mudaria no meu processo de aprendizagem? Que professora fui, sou atualmente e como serei? Em todos os questionamentos havia o convite para a consideração de diferentes perspectivas de olhar e assim aproximar-se de outros elementos para compor compreensões sobre o existir e o processo de aprendizado.

Os participantes são convidados a revisitar suas histórias com o processo de aprendizagem, como porta para a criação de outras formas de compreensão do sentido da história vivida como docente e no enfrentamento das dificuldades do trabalho do cotidiano da escolar e da sala de aula.



Cuidar, como visto acima é um imperativo ético para sustentar o cuidado com o outro. Nesse propósito, retomamos que o cuidado não é apenas condição para o ato de ensinar, mas parte da construção subjetiva do ser professor e, nesse movimento, o cuidar se revela como espaço simbólico e concreto, onde o professor se reconhece e é reconhecido como corresponsável pelo mundo em que existe.

Espaços de cuidado com professores e seu compromisso com o mundo

Tomando como referência os princípios éticos da Psicologia no Brasil o profissional deve basear o seu trabalho no respeito e na promoção de liberdade, dignidade, igualdade e integridade do homem, e promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005).

Tendo esses princípios como norteadores busca-se criar junto aos professores, nos encontros reflexivos, que se dão na prática da Oficina de Criatividade, um discurso dos direitos que se contrapõe às representações que naturalizam a vulnerabilidade social e, propagam a ideia de causalidade - “vontade própria da população”.

A relevância do Oficina de Criatividade se revela na afirmação de que a psicologia tem como tarefa participar do desafio contemporâneo de propiciar a construção de novas formas e práticas de se pensar o saber psicológico e a realização de atividades cada vez mais em sintonia com as demandas psicossociais nos contextos comunitários e educacionais.

Em outras palavras, significa que diante de precariedades de situações vividas pelas pessoas e grupos, que repercutem sofrimento e paralisia, caberá intervenções no sentido de possibilitar que a situação seja enfrentada num campo de responsabilidade coletiva.

Como carrega tais princípios e se sustenta na ideia de espaço comum, o Oficina de Criatividade promove o encontro numa condição de horizontalidade entre os participantes e retoma o princípio apresentado por Arendt de que o mundo compartilhado de diferentes modos, por diferentes pessoas permite a criação de histórias e a reinvenção das mesmas.

É preciso destacar um princípio que se mostra relevante ao funcionamento do Oficina de Criatividade é o de favorecer a compreensão que o compartilhar de experiências não coaduna com a ideia de culpabilização ou de oferecimento de receitas para solução de problemas. O que está em jogo no Oficina de Criatividade é a disponibilidade para olhar para questões comuns baseado na consideração das diferentes visões e opiniões. Importa preservar o espaço para o diálogo como afirma Roviello (1987) a partir dos dizeres de Arendt:

Importa preservar o espaço de humanidade, que é o espaço do diálogo sobre o mundo, mesmo num mundo totalitário onde isso se torna praticamente impossível; mesmo num mundo que se afunda nas trevas é essencial preservar um espaço de compreensão onde a troca de juízos acerca do mundo o faça de novo aparecer e, deste modo, reintroduza o humano no mundo: ‘humanizamos o que se passa no mundo ao falarmos entre nós e, ao falar, aprendemos a ser humanos’, pois o mundo só se torna humano quando se abre a essa fundamental ‘disposição para partilhar o mundo com os outros homens’ (ROVIELLO, 1987, p.49).



A Oficina de Criatividade é sim uma possibilidade construção diante daquilo que urge, que pede outro olhar. Tornar-se, um momento de organização de ideias e construção de um discurso para os interlocutores; onde estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações dos protagonistas: plantonista e participantes. A partir dele as pessoas podem ver e ouvir umas às outras, desvelando vários modos de compreensão da realidade e novas possibilidades de vivê-las

Cabe a oficina estimular as pessoas a se verem e, portanto, se posicionarem como autores e coatores das histórias, para além, de sujeitos que necessitam que lhe deem direções. Experimentar a condição de liberdade: capacidade de junto com os outros criar algo novo em relação ao passado.

Quando isso deixa de ser vivido com os outros, a relação com o mundo passa a ser estritamente individualizada, como se a cada um coubesse viver o e no “seu” mundo. Os atos do indivíduo passam a não ter importância ou consequência para os outros, como já visto acima:

Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, estar privado de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana: estar privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros [...] o homem privado não aparecer, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros’ (ARENDT, 2011, p. 71-72).

Quando o mundo em comum desaparece, desaparecem também as aparições de olhares diferentes. Pode-se dizer, então, que a super individualização pode embotar o pensamento. Uma relação das pessoas com o mundo utilitarista, além de gerar solidão, faz com que se dissolvam na coletividade, massificando-as. O mundo aparece de uma única forma e as diferentes possibilidades de habitá-lo ficam parecendo sonhos ou pesadelos individuais que se esvaem, pois são desprovidas de realidade.

Na fala do outro, algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo, se desvela. Trata-se de uma abertura feita a partir do outro e ao mesmo tempo para si mesmo. A linguagem é a condição humana que nos permite compartilhar uma experiência comum, “Falar significa falar a alguém” (GADAMER, 2004, p. 179).

Um aspecto relevante é compreender que o que chamamos de linguagem não se encerra na oralidade, mas todas as expressões que se constituem no encontro entre homens, como o riso, o choro, os gestos e as fisionomias. Assim o diálogo é um intercâmbio vivo entre os interlocutores.

O diálogo inicia com uma disponibilidade de abertura para o outro, para aproximar-se da experiência deste e ouvi-la. Assim, dialogar refere-se à possibilidade de “alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente” (GADAMER, 2004, p. 244).

Posto isto, o compartilhamento com outros da experiência permite aos participantes ocupar outros pontos de vista, o que na solidão não seria possível. É a convivência com outros, atravessada pelo diálogo, que permite compartilhar e garantir a realidade. Cada um se refere a ela a partir de um lugar único no mundo, mas a vive coletivamente.

A Oficina de Criatividade abre para o grupo o compartilhamento das experiências vividas e suas interpretações, permitindo que o vivido seja contornado de diversos modos, trazendo diferentes entendimentos. A reflexão apresenta-se como uma possibilidade de



questionar as interpretações até então tidas como verdadeiras, propiciando um degelo das mesmas. Tal atividade propicia a abertura para novas perspectivas de ver a si e suas possibilidades de lidar com o mundo.

Até o momento percebe-se que os participantes valorizaram e reconheceram a necessidade de se mover e se alimentar de diferentes pontos de vista para compreender a realidade de forma ampliada, especialmente no processo educativo de alunos com deficiências, visto que se sentem sobrecarregadas, solitárias e sem recursos para lidar com alguns alunos.

Diante de tais falas é que reforçamos que é a experiência no mundo compartilhada com os outros que possibilita a reflexão, é somente através dela que o ser humano é capaz de constituir uma compreensão das coisas, dos outros. O pensamento é uma das condições humanas, que permite ao homem refletir sobre essas generalizações constituídas na relação dele com o mundo.

O ato de descongelar a compreensão que se tem do mundo, colocando em questão conceitos, valores, doutrinas, não tem fim enquanto estamos vivos, pois conforme a autora:

[...] pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo que acontece na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos. (Arendt, 2002, p.134)

Por esta razão podemos dizer que o pensar rompe com a experiência automática e mecânica da vida. Ao se colocar em questão compreensões do senso comum, coloca-se em questão também os fazeres que estão atrelados a eles, ou seja, a vida com o mundo.

É importante lembrar que, segundo Arendt, a reflexão, apesar de ser uma condição humana, não é uma atividade executada por todas as pessoas, embora todas tenham condições para isso. Uma das relações que pode ser feita a esse respeito é que o pensamento não é descoberto no isolamento.

Assim, algumas relações que as pessoas estabelecem umas com as outras solicitam para a atividade de pensar. Quando esta solicitação, como no diálogo, por exemplo, não só percebe-se o mundo comum, mas pode-se compreendê-lo de uma forma inédita. Recorrendo a Arendt novamente: “Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos” (2002, p. 143).

Embasados na reflexão de Arendt (2002), podemos dizer que a convivência com outros e o diálogo possibilitado por esta pode fomentar a consciência de si. A oportunidade de estabelecer um diálogo e refletir sobre diversos temas pode provocar os participantes a desenvolverem um diálogo interno “de mim comigo mesmo” a respeito das perspectivas desveladas, possibilitando que se problematize, amplie, e esclareça os aspectos discutidos.

Arendt, ao retomar a vida pública da Grécia antiga, lembra que esta consistia em grande parte em “conversa de cidadãos”. Estes, ao se encontrarem na vida da *polis* eram absolutamente iguais em importância, não havendo distinção entre eles. A distinção surgia na opinião apresentada por cada um a respeito do mundo. Opinião, como lembra a autora, que possuía o sentido de “parece-me”, vinda de *dokeí* moi, parece-me.



Os gregos aprenderam a compreender- não a compreender um ao outro como pessoas individuais, mas a olhar sobre o mesmo mundo do ponto de vista do outro, a ver o mesmo mundo do ponto de vista do outro, a ver o mesmo em aspectos bem diferentes e frequentemente opostos (ARENDT, 2022, p.82).

Como lembra Arendt (2000), os fatos em-si não possuem nenhum sentido, é a interpretação dos fatos, a partir da singularidade da pessoa que o experimenta, dos testemunhos que possui para validar sua interpretação que torna possível contar uma história a seu respeito.

A constituição de histórias está vinculada tanto as experiências vividas no passado, quanto à projeção feita para o futuro, ambas tendo sua veracidade confirmada pela testemunha de outros.

O passado diz respeito à biografia montada pelo sujeito, que, ao mesmo tempo, que menciona de onde este partiu, define o sentido de sua trajetória passada e futura. Segundo Arendt: “A realidade é diferente da totalidade dos fatos e ocorrências e mais que essa totalidade, a qual, de qualquer modo, é inaverigável” (2002, p. 323).

Assim, ao invés de oferecer serviços, o Oficina de Criatividade oferece a oportunidade de ver e ser visto, reconhecer na condição de coautor e constituidor-pertencente do mundo comum.

O Oficina de Criatividade se revela como espaço para sentar, ouvir, reclamar, opinar, criar e, assim cuidar do mundo que compartilhamos. É lugar de acolhimento e reflexão sobre as relações saúde-doença, os serviços de saúde oferecidos à população e o compartilhamento de experiências e soluções para questões de saúde e sociais em grupo, permitindo o exercício dos participantes de compreender mediado e testemunhado pelas oficinas.

E, assim consegue que os homens se reconheçam como responsáveis pelo mundo, na medida em que garante aos participantes um espaço comum para que se reconheça homem de ação e possa se conciliar com a realidade, “isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa” (ARENDT, 2008, p.330). Segundo a autora em outro texto:

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja (ARENDT, 2012, p.12).

Na Oficina de Criatividade professores e oficinas abrem-se à compreensão, fazendo um exercício de imaginação que pode aclarar outros caminhos a seguir e lugares a habitar. Para Arendt (2008) o exercício imaginativo é uma característica do pensar imprescindível, posto que é a imaginação que pode abrir para a compreensão com a qual se reconhece as próprias referências no mundo e consegue-se sentir em casa no mundo.

E assim, reconhecemos que o Oficina de Criatividade proporciona aos participantes poder sentir-se pertencente e responsável pela preservação e renovação do mundo comum.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento de Arendt vemos a grande importância que o mundo comum tem e o quanto necessita ser cuidado e que a capacidade humana de agir e falar se destacam nessa tarefa de responsabilizar por esse mundo.

O diálogo e a reflexão justificam o lugar de destaque que ocupam no desenvolvimento da Oficina de Criatividade. Privilegia-se o encontro para o diálogo e para a reflexão como um lugar de acolhimento que propicia desvelamentos e possível, transformação e criação.

Nesses encontros há a participação ativa de todos os participantes, sendo que pela fala algo que não aparecia pode tornar-se visível, um pensamento tem a possibilidade de ser organizado de maneira inédita e, o compartilhamento deste é extremamente enriquecedor.

A compreensão de um tema ou de uma problemática e a inspiração para o despertar de novos modos de agir são constituídos por meio do diálogo e da reflexão conjuntamente. Há uma co-construção de compreensão, tanto para os participantes, quanto para as coordenadoras do grupo,icineiras.

O que se quer com o Oficina de Criatividade é deflagrar momentos para que a experiência de compartilhar e criar se realizem, abandonando à solidão... [...] uma vida sem discurso e sem ação – e esse é o único modo de vida em que há sincera renúncia de toda aparência e de toda vaidade [...] – é literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens (ARENDT, 2010, p.221).

O diálogo tem uma força transformadora que possibilita uma forma de apropriar-se de sua própria história, das histórias dos outros, desfazer nós e, assim cuidar de si, dos outros e do mundo. Para Gadamer, “onde o diálogo é bem sucedido, algo nos ficou e algo fica em nós que nos transformou” (1992, p.247).

O momento do encontro requer que ocorra um gesto de interrupção com o automático da vida. Requer parar, parar para olhar, parar para escutar, parar para sentir, demorar-se nos detalhes, parar para pensar e suspender a opinião, o juízo pré-concebido.

O espaço de cuidado que se constitui na Oficina de Criatividade está se revelando como um dispositivo no qual a escuta é priorizada e onde não há oferta de soluções, mas sim um espaço para se evidenciar as potencialidades na busca de solução das diversas questões diante dos desafios da inclusão de crianças autistas.

Buscamos promover os bons encontros, aqueles que possam fortalecer a potência de agir pode impulsionar a ação para enfrentar situações conflituosas, sofrimento, estabelecer diálogos, desejar e atuar por um mundo mais digno e mais justo (BADER e BUSARELLO, 2025).

Enfim, fomentar mudanças em que haja corresponsabilidade. Esta corresponsabilidade, que demanda a participação, a colaboração, que valoriza e investe na potência de agir. Participar não se restringe a aderir, reproduzir um roteiro genérico, pressupõe o compartilhar, o pôr-se em movimento, poder sentir prazer na participação e no cuidado com o mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.



ARENDT, H. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ARENDT, H. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaio)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Edição Revista. São Paulo: Perspectiva, 2022.

ARENDT, H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 2002.

BARBOSA, João Pedro Nantes; MARQUES, Victor Hugo de Oliveira. Cuidado e banalidade do mal: aproximações entre Heidegger e Arendt. **Revista Aurora**, Marília, SP, v. 18, p. e025006, 2025. DOI: [10.36311/1982-8004.2025.v18.e025006](https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025006). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/16836>. Acesso em: 01 out. 2025.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CARVALHO, J.S.F. A difícil tarefa de cuidar de um mundo comum: formação de professores e alienação do mundo. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 27, n. 00, p. e025024, 2025. DOI: [10.20396/etd.v27i00.8673620](https://doi.org/10.20396/etd.v27i00.8673620). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8673620>. Acesso em: 01 out. 2025.

CARVALHO, J.S.F. A crise na Educação como crise da modernidade. **Educação Especial: biblioteca do professor – Hannah Arendt pensa a educação**. Nº 4, Editora Segmento, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 10, de 21 de julho de 2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005.

CUPERTINO, C. M. B. (org.) **Espaços de criação em Psicologia: oficinas na prática**. São Paulo: Annablume, 2008.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **As impurezas do Branco**. São Paulo: José Olympio, 1973.

GADAMER, HG. **Verdade e Método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAGALHÃES, L.O.R. A dimensão subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da Pesquisa-Trans-Formação. 2021. 608 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

NOGUEIRA, F. M. de B.; LAMBERTUCCI, A. R. O SNE e o cuidado com a saúde para a valorização do educador. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 355–364, 2013. DOI: 10.22420/rde.v6i11.215. Disponível em:



<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/215>. Acesso em: 30 de jun. 2025.

ONU. **Objetivo Desenvolvimento Sustentável (ODS) e Agenda 2030**. <https://www.pactoglobal.org.br/ods-e-agenda-2030/>. Acesso em: 30 de jun. 2025.

ROVIELLO, A-M. **Senso comum e modernidade em Hannah Arendt**. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

SAWAIA, B. B.; BUSARELLO, F. R. Saúde ético-política: uma ideia reguladora da práxis psicossocial no SUAS. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 1–9, 2025. DOI: [10.22491/1678-4669.20240028](https://doi.org/10.22491/1678-4669.20240028). Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/24931>. Acesso em: 01 out. 2025.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

